

# A «Seara Nova» e a Galiza

## Contribuição para o estudo das relações culturais luso-galegas

ANTÓNIO VENTURA (\*)

Durante a primeira República portuguesa, as relações com a Espanha conheceram uma acentuada frieza. O espectro de uma acção das autoridades espanholas em apoio dos monárquicos lusos foi um fantasma presente após o 5 de Outubro, alimentado com maior vigor por ocasião das incursões couceiristas ou durante a efémera Monarquia do Norte (1). O temor de uma acção militar externa — estavam ainda vivas as intervenções directas de 1834 e 1846 —, confundia-se agora com a conspiração restauracionista que encontrava apoios, pelo menos officiosos, no outro lado da fronteira.

Paralelamente, porém, regista-se um incremento dos contactos culturais entre Portugal e duas regiões integrantes do país vizinho — a Catalunha e a Galiza. O presente trabalho pretende ser um contributo para o estudo das relações entre o nosso país e a Galiza, abordando, neste particular, o papel protagonizado por uma das mais importantes revistas portuguesas deste século — a *Seara Nova*.

### 1. O «Rexurdimento» galego

A *Enciclopédia Galega* define «Rexurdimento» ou «Renascimento» como termos tomados do «Resorgimento» italiano e da «Renaixensa» catalã, aplicados ao «movimento de recuperação da língua, da literatura e da cultura galegas que se produz ao largo do século XIX e quase nas primeiras décadas do XX» (2).

Após um período medieval florescente em que a literatura galaico-portuguesa ocupou um lugar de relevo na cultura peninsular, o galego deixou de ser uma língua literária, caiu no esquecimento, converteu-se num idioma de «labregos» falado unicamente, e em múltiplas versões, pelas populações rurais. No século XIX, sob impulso do Romantismo, gera-se por toda a Europa um movimento de recuperação de tradições, culturas e línguas locais, nomeadamente na Bretanha, com a «Academia Ureix» (1839) e na Provença («Félibrige», 1854). A Península Ibérica não escapou a esse surto que foi mais sensível em

(\*) Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa.

regiões dotadas de identidade cultural específica e de tradições autonómicas, de que a Catalunha era exemplo acabado<sup>(3)</sup>.

O catalanismo oitocentista nasce, na sua expressão cultural, com a *Ode à Pátria* (1833), de Carlos Aribau, e desenvolve-se em redor do jornal *Renaixensa*, com Urbiol i Ors, Juan Maragall, Baloguer e Jacinto Verdaguer, entre outros. A tradição autonómica catalã e as influências carlista, republicana e federalista conferiram ao catalanismo um cunho acentuadamente político.

O regionalismo valenciano, pelo contrário, é mais tardio, data de 1878, com a «Sociedad del Rat penat», dinamizada por Teodoro Llorente, patriarca das letras e da cultura valencianas, e tem um pendor exclusivamente cultural.

Mais tardia ainda é a formulação do nacionalismo basco por Sabino de Arana y Goiri, fundador, em 1894, da primeira «batzoki» (círculo), a que se segue a publicação do semanário *Bizkaitaria* e a fundação do Partido Nacionalista Basco.

Também na Galiza se inicia um movimento de recuperação da cultura e da língua que tem como expoentes Rosalia de Castro (1837-1885), Eduardo Pondal (1835-1917) e Curros Henriques (1851-1908), os chamados «precursores»<sup>(4)</sup>.

Desde a publicação dos *Cantares Gallegos* (1863) de Rosalia, considerados por Carballo Calero como um marco cronológico fundamental do «renascimento pleno»<sup>(5)</sup>, até às grandes movimentações da segunda metade da década de dez deste século, o caminho foi contínuo, sem interrupções, embora seja variável a envergadura dos intelectuais que o percorreram. Fundam-se associações políticas, culturais ou mistas, que pugnam pelo galeguismo nas suas diversas vertentes. Vejamos, sumariamente, quais os órgãos sintonizadores desse «segundo Rexurdimento».

Em 1905 constitui-se a Real Academia Galega, que fomenta inúmeros trabalhos sobre o passado e o presente da Galiza, patrocinando a publicação de estudos etnográficos, históricos e pré-históricos. Outro passo fundamental foi dado em 1916 com a formação das «Irmandades da Fala», por iniciativa de Antón Villar Ponte, primeiro na Corunha, depois noutras localidades. Nelas colaboraram entre muitos outros, Xoan Vicente Viqueira,

Antón Losada Diéguez, Ramón Cabanillas, Alfonso Castelao e Vicente Risco<sup>(6)</sup>.

As «Irmandades» passam a publicar *A Nosa Terra* (n.º 1, 14-11-1916) como seu órgão. Quatro anos depois constitui-se a Sociedade de Cultura Galega «Nós» e sai o primeiro número da revista com igual título (30-10-1920). Finalmente, entre 1923 e 1936, o Seminário de Estudos Galegos, inspirado no Institut d'Estudis Catalans (criado em 1907 por Prat de la Riba), desenvolve uma intensa actividade.

O nacionalismo galego dissemina-se e organiza-se com base nas «Irmandades», autênticos viveiros das diversas formações galeguistas até à guerra civil: o Partido Nacionalista Galego, a Federação Nacional Republicana, a Irmandade Nacionalista Galega, o Partido Galeguista<sup>(7)</sup>.

## 2. Os contactos com Portugal

Para a maior parte dos animadores do renascimento cultural na Galiza, Portugal é uma referência obrigatória. Essa lusofilia foi por vezes mal compreendida ou distorcida deliberadamente, como escreveu Francisco Bobillo: «o aporuguesamento e a aculturação da língua galega constituiu motivo de crítica por parte dos escritores castelhanos e motivou uma duradoura polémica que chega aos nossos dias»<sup>(8)</sup>. De facto, essa simpatia por Portugal era justificada por um passado e uma língua comuns — «essas palavras que os nossos detractores pensavam que são portuguesas, são também galegas», escreverá Vicente Viqueira —, e também pela existência de colónias galegas importantes naquele país e no Brasil. Por volta de 1912, o progenitor das «Irmandades», Antón Villar Ponte, vem a Portugal como correspondente do jornal *La Voz de Galicia*, para efectuar algumas reportagens sobre o novo regime português. «A permanência em Portugal despertou nele a consciência das profundas afinidades culturais galego-portuguesas, e, sobretudo, o seu espírito sensibilizou-se agudamente frente ao tremendo contraste que se dava na situação das duas línguas»<sup>(9)</sup>.

Xoan Vicente Viqueira viaja por Portugal em Maio de 1917 e fica impressionado com um certo cosmopolitismo, que considera fruto das influências inglesa e francesa, con-

trastante com a sua terra natal: «Viniendo de Portugal, España hace el efecto de una ruina y de inmenso atraso»<sup>(10)</sup>.

Vicente Risco, um dos principais ideólogos do nacionalismo galego, confessará que leu atentamente, como exemplo a seguir, as *Religiões da Lusitânia*, de Leite de Vasconcelos, e que, em literatura, se formara «no modernismo, depois no movimento saudosista de Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra»<sup>(11)</sup>. A lusofilia explicava-se, ainda, pela similitude de temperamentos, pela semelhança de idiossincrasias, pelo culto da saudade. Risco travara conhecimento com o saudosismo indirectamente, através dos escritos do lusitanista francês Philèas Lebesgue, — futuro colaborador da *Seara Nova* —, no *Mercure de France*<sup>(12)</sup>. Diga-se, a propósito, que a revista *A Águia* tinha, também, uma expansão razoável na Galiza.

Em finais da década de dez acentuam-se os contactos. A Galiza deseja uma maior aproximação, como o demonstram as conclusões da II Assembleia Nacionalista celebrada em 1919, que exigiam a abolição do passaporte com Portugal e o intercâmbio permanente entre instituições universitárias de ambas as margens do Minho<sup>(13)</sup>. O ano de 1919 é, aliás, fundamental nesse incremento de relações. A revista *Lusa*, de Viana do Castelo, envia um representante ao Congresso de Estudos Galegos, organizado pelo Instituto de Estudos Galegos da Corunha, no qual foram apresentadas comunicações de portugueses, alguns dos quais eram igualmente sócios da Real Academia Galega<sup>(14)</sup>.

Numa série de três artigos publicados em 1928 na revista *A Águia*, também reproduzidos em *A Nosa Terra*, Vicente Risco faz o balanço do movimento cultural galego e historia o início dos contactos regulares com Portugal: «Mas un día — coido que as cousas se pasaron como vou referir — o Sr. Dr. José de Figueiredo, Director do Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa, estivo na Galiza e coñeceu o noso Castelao. O resultado foi a publicazon na *Atlântida* de Lisboa d'un deseño de Castelao, un poema de Ramon Cabanillas e un artigo meu»<sup>(15)</sup>. Este episódio é de novo relatado, mais recentemente, no número da revista *Grial* comemorativo do centenário de Risco<sup>(16)</sup>. De facto, a *Atlântida* (n.º 42-43 de 1919) publica a referida colabo-

ração: um desenho de Castelao intitulado «A tristeza dos braços perdidos», a composição «Via Crucis», do poeta Ramon Cabanillas<sup>(17)</sup> e um artigo de Risco intitulado «A nova Galicia fala á Portugal». Neste texto, Vicente Risco sumaria o seu ideário, baseado na crença que a civilização europeia mediterrânica, há muito em decadência e à beira da morte, seria substituída pela civilização atlântica, de matriz céltica, em que as culturas até então subalternizadas — galega, portuguesa, bretã, irlandesa — em ligação com outras além-Atlântico, desempenhariam um papel primordial no futuro<sup>(18)</sup>. Este autor foi fortemente influenciado pelo organicismo alemão, pelos românticos (Fichte e Herder) e pela escola historicista alemã, acreditando firmemente na existência de um *volksgeist* galego.

Pascoaes envia colaboração para o n.º 1 de *Nós* (30-10-1920); Risco, director literário do periódico, — Castelao era o responsável artístico —, apressa-se a informar Anton Louzada Diéguez: «da revista teño unha poesia que me mandou o Teixeira de Pascoaes, inédita e moi boa»<sup>(19)</sup>. Intitulava-se «Falla do Sol» e o seu autor era apresentado com todo o destaque: «*Nós* quixo que o primeiro número da revista fora honrado com unha página inédita do grande e amado Mestre. Temos a Teixeira de Pascoaes como cousa nosa, e nas nosas internas devoções, témola moi perto de santa Rosalia e de Pondal, o verbo da lembranza». O n.º 2 da revista (30-11-1920) insere um poema de Philèas Lebesgue dedicado a João de Deus Ramos e uma carta de Leonardo Coimbra para Vicente Risco<sup>(20)</sup>.

A troca de correspondência entre intelectuais portugueses e galegos passa a ser frequente; o seu estudo sistemático iluminará, certamente, esse período em que se intensificaram as relações mútuas.

Mas outras regiões de Espanha — utilizamos aqui a palavra Espanha no sentido lato que lhe deu Castelao<sup>(21)</sup> — mostravam-se igualmente favoráveis a uma aproximação com Portugal. Foi o caso da Catalunha, que ali fez deslocar uma importante delegação oficial, em 1921, durante a celebração da «Semana Catalã»<sup>(22)</sup>. Vicente Risco revela-se agastado com essa antecipação: «Falando Augusto Casimiro con Joan Esterlich aló en Coimbra sobre las relaciós antre

Galiza e Portugal, indicou-lle a idea d'unha revista común (...). Por a xa ves que os catalás adiántanse a nós, n'esto de relacións con Portugal<sup>(23)</sup>». Registe-se que Augusto Casimiro era seareiro.

Talvez essa antecipação tenha provocado novas accións tendentes a aproximar Portugal e a Galiza. Ainda em 1921, desloca-se àquela região uma embaixada cultural lusa, constituída por Leonardo Coimbra, Alexandre Córdova, os pintores João Peralta e Octávio Sérgio, o músico Raul Casimiro, o folclorista Armando Leça e o Orfeão Portuense<sup>(24)</sup>. Em Novembro 'daquele ano, o pintor Jorge Barradas expõe em Vigo. A pergunta formulada por um jornalista do *Diário de Lisboa* — «o que o leva lá?» —, responde: «Conhecer a Galiza, a arte galega e os artistas galegos (...) em especial Castelao. Tenho um grande interesse em conhecê-lo»<sup>(25)</sup>. Ainda nesse ano projectam-se uns jogos florais luso-galegos, anunciados em *A Nosa Terra* e no *Diário de Lisboa*<sup>(26)</sup>.

No início da década de vinte, a imprensa galega publica com certa insistência colaboração e notícias referentes a Portugal. Em *A Nosa Terra*, órgão das «Irmandades da Fala», aparecem notas bibliográficas frequentes sobre livros e revistas — que chegam a ocupar o triplo do espaço dedicado à produção galega<sup>(27)</sup> — e excertos de obras de autores portugueses, em especial Camilo e Eça, bem como transcrições de jornais — *O Popular*, *O Comércio do Porto*, *Jornal de Notícias* e *O Primeiro de Janeiro*. Neste último, Pina de Moraes — outro colaborador da *Seara* — publicou «Ecos Galeguistas»<sup>(28)</sup>.

Nós apresenta com regularidade trabalhos de portugueses, até aos anos trinta, o mesmo sucedendo com as revistas *Ronsel* e *Alfar*<sup>(29)</sup>, para darmos alguns exemplos mais relevantes. Esta presenza de Portugal vai enfraquecendo à medida que a década se esvai, declina com o 28 de Maio de 1926 e mais ainda após a proclamação da República em Espanha<sup>(30)</sup>. Diga-se, a propósito, que quase todos os galeguistas eram republicanos, de diversas tendências.

Vejamos alguns exemplos — sem pretensões de um levantamento exaustivo — da presenza galega em publicacións portuguesas. *A Atlántida* e *A Águia* fazem alusão a livros e sumariam revistas literárias. Na primeira

destaca-se a «Carta ao artista galego D. Alfonso Castelao», de Manuel de Figueiredo, que apela: «Lisboa espera-o... Nós, os seus amigos e admiradores, temos como certa a sua vinda na próxima primavera»<sup>(31)</sup>. *Húmus*, «mensário de arte» do Porto, publica o poema «Vello Romance», de Euxénio Carré (n.º 1, Novembro de 1921, p. 10), um texto de Lendo Carré acompanhado por uma caricatura de Vicente Risco da autoria de Octávio Sérgio (n.º 2, Dezembro de 1921, p. 12 e 13). *A Nossa Revista*, também do Porto, insere um poema de Euxénio Carré, «Cal arelosas van...» (n.º 8, Fevereiro de 1922, p. 117). A revista *Conimbriga*, de Coimbra, publica no seu n.º 1 (17-3-1923) os poemas «O canto do grilo» e «O ceguinho», de Evaristo Correa Calderón<sup>(32)</sup>. Xoan Viqueira publica dois textos no *Aurora do Lima*, de Viana do Castelo, a propósito dos esforços desenvolvidos naquela região a favor do intercâmbio das relações entre as duas margens do Minho, e nos quais teve um papel de relevo o Instituto Histórico do Minho<sup>(33)</sup>.

*Portucale*, por seu turno, insere anúncios da revista *Nós* e de livros da editora do mesmo nome, publica uma caricatura de Alvaro Cebreiro e colaboração deste artista galego<sup>(34)</sup>. *Descobrimento*, «revista de cultura» publicada em 1931 na capital portuguesa, divulga numerosos trabalhos de autores galegos, com destaque para os poetas<sup>(35)</sup>.

Durante a Guerra Civil, jornais como *O Sol Nascente* e *O Diabo* faziam eco das artes e letras da Galiza, como forma discreta de solidariedade para com a República Española. E não esqueçamos que a 2.ª edição de *Marânus*, de Pascoaes, é dedicada à «Galiza, terra irmã de Portugal / Que o mesmo Oceano abraça longamente».

Quanto à correspondência trocada entre intelectuais galegos e portugueses, citamos um exemplo concreto que atesta o enorme interesse do seu estudo sistemático: Teixeira de Pascoaes trocou cartas com Vicente Risco, Ramón Cabanillas, Castelao, Noriega Varela, Antón Vilar Ponte, Ramón Vilar Ponte, Alvaro de las Casas, Euxénio Montes, Aquilino Iglésias Alvariño, Alvaro Cebreiro<sup>(36)</sup> e Xoan Vicente Viqueira<sup>(37)</sup>, entre outros. O epistolário referente aos intelectuais galegos contém, igualmente, numerosas alusões a Portugal, como o demonstram as cartas de Vi-

cente Risco para Antón Lousada Diéguez publicadas por Pilar Vazquez Cuesta, e que atrás referimos.

### 3. A Galiza na Seara Nova: Alfredo Pedro Guisado e Eugenio Carré Aldao

No n.º 3 da *Seara* (20-11-1921) aparece a primeira referência à Galiza num artigo intitulado «Portugal e Galicia», assinado por Eugenio Carré Aldao. O autor é apresentado, em nota de rodapé, como «secretário da Academia Galega e escritor distintíssimo». De facto não era uma figura de segundo plano no panorama das letras galegas. Carré Aldao (La Coruña, 5-11-1859 — 18-12-1932), síndico do Grémio do Comércio, Indústria e Navegação daquela localidade, viajara por França e Portugal no âmbito da sua profissão e exercera o ofício de livreiro e editor, colaborando na publicação da *Revista Gallega* e do *Boletim Bibliográfico*. A sua Livraria Regional desempenhou um importantíssimo papel no renascimento da cultura galega, em ligação com a tertúlia «Nova Céltica». Encerrada a livraria, Aldao dedicou-se à literatura e ao jornalismo, sendo autor de uma numerosa bibliografia<sup>(38)</sup> e desempenhando ainda os cargos de Bibliotecário da Reunión Recreativa e Instrutiva de Artesanos de La Coruña. Foi académico fundador e secretário da Real Academia Galega. Como nota curiosa registou-se a sua colaboração no *In Memoriam do Doutor Teófilo Braga* com o texto «Galicia y Teófilo Braga», no qual inclui uma carta do antigo presidente do Governo Provisório a Manuel Murguía<sup>(39)</sup>.

O artigo da *Seara Nova* limita-se a registar que os dois países são a continuação um do outro, que as relações entre ambos não têm sido as melhores, saudando depois a revista pela sua abertura: «ben haxa a *Seara Nova* que ven a laborar n-este nobre e patriótico deseio»<sup>(40)</sup>. O artigo informa-nos ainda que o autor fora convidado expressamente para colaborar com regularidade, e bem assim o nome de quem fez o convite: o «meu estimado amigo, o terno e sentimental poeta lusitán, Alfredo Guisado».

Alfredo Pedro Guisado (Lisboa, 30-10-1891, 30-11-1975), que também usou o pseudónimo de Pedro de Meneses, era filho de galegos,

proprietários do restaurante «Dois Irmãos Unidos», no Rossio, lugar de encontro de intelectuais lisboetas entre os quais o grupo de *Orpheu*. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa e militou nas hostes democráticas, protagonizando alguns cargos políticos secundários: Governador Civil substituto, Presidente do Conselho Geral das Juntas de Freguesia de Lisboa e vereador deste município, cujo pelouro dos jardins e cemitérios deteve, desempenhando um papel de relevo na campanha pró-cremacionista e na instalação do forno crematório no Alto de S. João<sup>(41)</sup>. O seu republicanismo não sofreu quebra durante o Estado Novo. Foi preso em Junho de 1928, acusado de actividades conspiratórias, e fez parte, em Abril de 1932, da comissão organizadora do *Diário Liberal*. Era uma presença obrigatória no jornal *República*, — de que foi director adjunto a partir de 1954 — onde assinou numerosas crónicas com o pseudónimo de João de Lobeira e manteve a secção «Papel Químico».

Nos anos cinquenta integrou os órgãos do fantasmal Partido Republicano Português (Junta Consultiva e Directório). Deu uma colaboração valiosa aos centros republicanos Almirante Reis, Fernão Botto Machado e Dr. Alberto Costa, geralmente na condição de Presidente da Assembleia Geral, cargo que também desempenhou na Sociedade «A Voz do Operário». Em 1952 é activista da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem e, em 1958, tomou posse como Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Escritores. Colaborou nos vários movimentos de oposição ao Estado Novo, com destaque para o Movimento de Unidade Democrática.

Alfredo Guisado publicou o primeiro livro em 1913 — *Rimas da Noite e da Tristeza* — e colaborou em revistas que veiculavam as novas tendências literárias e artísticas: *A Galera* (Coimbra, 1914), *A Renascença* (Lisboa, 1914), *Orpheu* (Lisboa, 1915) e *Exílio* (Lisboa, 1916). As viagens que este companheiro de Pessoa efectuava anualmente à terra dos seus pais, mantinham-no em contacto com o renascimento e afirmação da cultura galega<sup>(42)</sup>. A publicação, em 1921, de um livro de sua autoria com poemas em galego, demonstra a assunção da ascendência e o desejo de colaborar no movimento. O volume intitulava-se *Xente D'a Aldea / ver-*

sos gallegos<sup>(43)</sup>, e era dedicado ao autor da capa, Alfonso Castelao. A publicação desta obra conheceu algumas repercussões na Galiza e em Portugal tendo o *Diário de Lisboa e a Atlântida*<sup>(44)</sup> divulgando poemas nela incluídos.

Guisado conhecia Vilar Ponte e Castelao, — «que transforma o seu lápis em lança de torneios de defesa pela sua terra»<sup>(45)</sup> —, e recordará essa convivência em Fevereiro de 1958, num artigo publicado em *A República*<sup>(46)</sup>. As relações directas com a Galiza e a ligação ao grupo *Seara Nova* levam-no a convidar Carré Aldao para colaborar na revista. Este publicará um segundo artigo, «O lusitanismo em Galicia no aspecto literário»<sup>(47)</sup>, no qual os tempos em que diirgia a Livraria Regional — que possuía muitas obras portuguesas —, e refere outras bibliotecas que incluíam bibliografia lusa. Alude, por fim, ao intercâmbio entre revistas de ambas as margens do Minho e ao livro *Xente D'a Aldea*.

Alfredo Pedro Guisado publica um único artigo na *Seara Nova* — «Galiza e Portugal!»<sup>(48)</sup> — exaltando o movimento galeguista, «grito de vida que junto dos seus ouvidos dolentes ergueu primeiro Rosalia de Castro e Curros Enriquez, Añon e Pondal, e tantos outros, como Cabanillas, Carré, Vilar Ponte e Castelao».

Face à recente estadia da delegação catalã na capital portuguesa, Guisado defende a rápida realização de uma exposição de artes galegas em Lisboa — «é preciso que ao lado dos seus escultores e dos seus pintores, venham os seus poetas e falem e digam o que sentem: a sua imensa amizade por Portugal, a sua infinita fé no triunfo da sua terra»<sup>(49)</sup>. César Antonio Molina tinha razão, quando escreveu que Alfredo Guisado «desarrolla una amplia labor tratando de poner en contacto a los ambientes culturales de ambos países»<sup>(50)</sup>.

O aprofundamento dessas relações será ainda defendido, em 1924, por Câmara Reys, numa nota publicada na *Seara Nova*, com o título «Portugal e a Galiza»<sup>(51)</sup>.

O galeguismo continua presente na revista a partir de finais dos anos vinte, e teve em Manuel Rodrigues Lapa um dos seus paladinos. Vejamos os momentos mais significativos dessa presença.

Em 1929, Carlos da Cunha e Vasconcelos, que estivera na Galiza entre 1922 e 1928, escreve o artigo «A moderna Galiza e o seu regionalismo», aludindo às «vozes firmes de Vicente Risco e às cantigas de Ramón Cabanillas»<sup>(52)</sup>. Rodrigues Lapa relata no n.º 309 (28-7-1932) que «no dia 20 do mês passado, entre um bando de galeguistas de Orense, fui assistir a Lugo à homenagem da Galiza ao seu grande artista Alfonso Rodriguez Castelao»<sup>(53)</sup>. No regresso dá uma entrevista ao *Diário da Noite*<sup>(54)</sup>.

A passagem de António Sérgio por Santiago de Compostela, em cuja Universidade leccionou durante alguns meses a convite do respectivo reitor, Alexandre Cadarso, levou o autor dos *Ensaíos* a interessar-se pela literatura galega e a enviar para a *Seara Nova*, com adaptação sua, textos de Castelao, Curros Enriquez e Vitoriano Taibo<sup>(55)</sup>. Fora da revista, mas promovido por um seareiro (Câmara Reys), realizou-se em 10 de Fevereiro de 1935 uma audição de cantares galegos, complementada por uma conferência de Rodrigues Lapa<sup>(56)</sup>.

Mas voltando à *Seara Nova*, o número de homenagem a Pondal, na passagem do seu centenário, atinge especial significado ao incluir colaboração de Castelao, Vicente Risco, Alvaro das Casas, Fermin Bouza-Brey, A. Villar Ponte e Ramon Otero Pedrayo<sup>(57)</sup>. Finalmente, o n.º 1204-7 de 1951 é consagrado na íntegra à recente morte de Castelao. A sua organização, da responsabilidade de Manuel Rodrigues Lapa, pode ser seguida através da correspondência inédita mantida entre o autor da *Estilística da Língua Portuguesa* e Luís da Câmara Reys<sup>(58)</sup>. Já no n.º 1190-91 (28-10 a 4-11-1950), um pequeno texto assinado com as iniciais S. A. (Sant'Ana Dionísio) noticia a morte de Castelao e anuncia que será publicado um número especial da revista dedicado ao acontecimento. Ao mesmo tempo, transcreve-se o depoimento de Jaime Cortesão, então no Brasil, que aparecera no órgão galeguista na Argentina, *A Nosa Terra* (n.º 477, ano XXXII), alusivo à memória do autor de *Cousas* e que incluía ainda textos de Otero Pedrayo, Ramon Cabanillas, Francisco del Riego, Avelino Diez e Ramon Rey Baltar. Afirmava então Jaime Cortesão: «Castelao foi uma das mais belas almas que jamais conhecemos. O que se divide por muitos ho-

mens e os faz, a um por um, notáveis, fundia-se nele e formava um conjunto milagroso» (p. 349 do n.º cit. da *Seara Nova*).

Pela mão de Rodrigues Lapa prossegue a colaboração de autores galegos na *Seara Nova*, com um novo alento em 1951, no qual o Dr. Francisco Fernández del Riego, de Vigo, serve de contacto no outro lado do Minho. São assim publicados artigos de Celestino F. de la Vega, «Perfil galego de Valle Inclán» (n.º 1226-27, 21/28-7-1951), de Ricardo Carballo Calero, «Sobre a personalidade de Ramon Otero Pedrayo» (n.º 1254/55, 7, 14, 21 e 28-6-1952) e de Luís Veiga de Campo, «Perspectiva galega do problema peninsular» (n.º 1260/61, 6, 13, 20, 27-9-1952). Outros seareiros, como Sant'Anna Dionísio, continuam, mais raramente, a abordar a temática galega («Terras da Galiza», n.º 1283/84, Janeiro de 1954).

Quanto à colaboração iconográfica de origem galega presente nas páginas da revista, ela resume-se a dois desenhos de outros tantos artistas de primeiro plano: Alfonso Castelao e Alvaro Cebreiro.

#### 4. Alfonso Rodriguez Castelao

Alfonso Rodriguez Castelao é uma referência obrigatória na Galiza do século XX. A bibliografia a seu respeito é numerosíssima e especializada<sup>(59)</sup>, pelo que seria estultícia traçar, no âmbito deste curto trabalho, uma nota desenvolvida sobre esse artista que marcou a vida cultural e política daquela região. Mas, se Castelao é conhecido e venerado na sua terra natal, Jesús Alonso Montero não deixa de ter razão ao salientar que, «fora da Galiza, só sectores muito minoritários, isto é, alguns intelectuais e grupos universitários, se interessam pela obra literária e plástica de Castelao, e isso desde há pouco tempo»<sup>(60)</sup>. Não obstante estas palavras terem sido escritas há já alguns anos, aplicadas ao contexto espanhol, elas são válidas também para o nosso país. Se exceptuarmos os meios tradicionalmente ligados aos estudos galegos ou a temas iberísticos, aquele autor é praticamente desconhecido e ignorada a sua obra polifacetada. As comemorações do centenário do seu nascimento, assumidas oficialmente pelo Ministério da Cultura do país

vizinho (1986), recolocaram o problema e fizeram despertar um renovado interesse pelo autor de *Cousas*.

Alfonso Rodriguez Castelao nasceu em Rianxo, província de La Coruña, a 30 de Janeiro de 1886, e morreu no exílio, no Sanatório do Centro Galego de Buenos Aires, a 7 de Janeiro de 1950. No ano do seu nascimento o pai emigra para a Argentina. O regresso à Galiza tem lugar em 1900. Dois anos depois, Castelao matricula-se na Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela e conclui a licenciatura em 1909. Em 1906 acompanha a tuna universitária numa digressão a Portugal (Coimbra), que recordará, mais tarde, no seu notável livro *Sempre en Galiza*: «para eles (os estudantes portugueses), Galiza estava no norte, enbrullada en neboeiros e en choivas...»<sup>(61)</sup>. Em 1908/9 vai para Madrid para se doutorar, manifestando nessa época interesse pelo desenho e pela caricatura. No Ateneu da capital espanhola profere a conferência «Algo acerca de caricatura», primeiro de uma série de trabalhos onde aborda a caricatura de um ponto de vista teórico, e que desenvolverá em «Humorismo, Dibujo humorístico, Caricatura», conferência lida em 1920 na Corunha, durante uma exposição de trabalhos seus, depois parcialmente publicada, sem os desenhos elucidativos, em *A Nosa Terra*<sup>(62)</sup>. Exerce medicina por algum tempo, e depois pontualmente, por razões humanitárias. Não era essa a sua vocação, como comentará com algum humor: «Fiz-me médico por amor ao meu pai: não exerço a profissão por amor à humanidade»<sup>(63)</sup>. Ingressará em 1916 nos quadros do Instituto Geográfico e Estatístico, fixando-se em Pontevedra. A colaboração em publicações periódicas, inicia-se em 1909 na *Vida Gallega* (Vigo) e *El Barbero Municipal* (Rianxo), desenvolvendo uma longa e difícil luta contra um dos fenómenos mais característicos da Galiza: o caciquismo<sup>(64)</sup>. Em 1912 integra-se na Accion Gallega, movimento fundado pelo padre Basilio Álvarez, ao qual aderiram intelectuais como Noriega Varela e Ramón Cabanillas; nesse ano realiza a primeira exposição individual em Orense e inicia a colaboração no jornal *El Liberal* (Madrid).

Em 1915 obtém a segunda medalha na Exposição Nacional de Madrid com o óleo «Os cegos», onde aflora uma temática que

cultivará com insistência, numa obsessão autobiográfica alusiva à doença de que padece e que quase o levou à perda da visão.

A militância na Accion Gallega, que tinha alguma implantação no campesinato, é um passo que o conduz, em 1917 — ano em que conhece Vicente Risco —, ao «galeguismo» mais consequente. Desde o primeiro momento, está com as «Irmandades da Fala». Participa na Assembleia Nacionalista Galega de Lugo (Novembro de 1918), e assina o seu manifesto. Uma das conclusões dessa reunião dizia respeito a Portugal: «simpatizaremos, dede logo, con aquella [forma de governo] que se mostre mais doada pra chegar á Federación con Portugal» (65).

No ano seguinte expõe em Madrid e noutras localidades galegas as cinco dezenas de desenhos que originaram o álbum *Nós* — «as cinquenta estampas deste álbum são cinquenta argumentos de dignidade» (66) —, e publica *Arte e galeguismo*. O primeiro número de *Nós*, com Risco e Castelao na direcção literária e artística, respectivamente, vê a luz do dia em 1920 (Orense). Em seu redor se aglutinarão os intelectuais galegos mais representativos, até que as vicissitudes da guerra os dispersem. Integrado na colecção «Céltiga» aparece, em 1922, a primeira produção narrativa, *Un Olló de Vidro* (Ferrol).

Em 1921 viaja pela Alemanha, França e Países Baixos, visita museus e contacta com as novas correntes artísticas europeias. A obra *O Cubismo*, e as páginas de *Nós* com o título genérico «Do meu diário», resultam dessa experiência. O livro *Cousas* (Corunha) é publicado pela primeira vez em 1926, ao mesmo tempo que é admitido como membro numerário da Real Academia Galega. Ingressara, no ano anterior, no Seminário de Estudos Galegos.

A morte do único filho, ocorrida em 1928, leva-o a uma inactividade de alguns meses — quase um ano —, finda a qual escreve o conto *O Retrato*, inspirado naquele evento. O *Segundo Libro de Cousas* data de 1929 (Corunha).

A viagem que então empreende à Bretanha tem como consequência *As Cruces de Pedra na Bretaña* e, mais tarde, *As Cruces de Pedra na Galiza*, só publicado em 1964 (Corunha). A militância no Partido Galeguista leva-o a tomar assento nas Cortes Constituin-

tes de 1931. O governo de Lerroux desterra-o, três anos depois, para Badajoz, contra o que se insurgem intelectuais, artistas e políticos como Bagaria, Manuel Azaña, Besteiro e Alvaro de Albornoz. Na Galiza publica duas novas obras: a novela *Os Dous de Sempre* e cinco contos reunidos em *Retrincos*, com ilustrações de Maside.

É longe da sua Galiza que a guerra civil o surpreende, — estava em Madrid —, talvez providencialmente, uma vez que aquela região foi rapidamente controlada pelas forças nacionalistas.

O período da guerra é particularmente dramático. Castelao passa-o em Madrid, Valência e Barcelona, acompanha o governo republicano nas suas deambulações (67). Na capital catalã publica, em 1937, dois álbuns alusivos aos horrores do conflito: *Atila em Galicia* e *Galicia mártir*. Mas o empenhamento no campo republicano — que se confundia com o campo galego —, leva-o a efectuar missões no estrangeiro, patrocinadas pelo Ministério da Propaganda. Desloca-se, assim, a Moscovo, onde fez uma exposição de desenhos sobre a guerra, e Nova Iorque, cidade onde edita o álbum *Milicianos*. Em 1939 parte para Cuba. Profere em Havana a conferência «Galicia y Valle-Inclán», reproduzida em várias revistas do Novo Mundo, e elabora diversas estampas de negros (publicadas em 1970, em Lugo).

A derrota da República é a derrota do autonomismo galego — dos diversos autonomismos — e significa, para Castelao, o exílio (68). Em Julho de 1940 chega a Buenos Aires, cidade com uma numerosa colónia galega, e ali permanecerá até à sua morte, oito anos depois. Duas obras dessa fase merecem destaque: *Os Vellox nom debem namorarse* (1941) e *Sempre em Galiza* (1944). Nesta última reúne textos fundamentais para a compreensão do seu pensamento, em especial as ideias que perfilha em relação a Portugal e ao papel que as diferentes nacionalidades peninsulares deveriam desempenhar na edificação de uma nova Hispânia: «no fondo insobornable da nosa alma bule o aneio de achegarmos a Portugal e de confundirnos com él» (69). No mesmo sentido se incluem as afirmações do artista feitas em Barcelona em 1932, reproduzidas pela revista *Portucale* numa nota intitulada «Galeguismo portugue-

sista»: «Galícia tem o seu porvir espiritual em Portugal. A separación foi mortal para os dous pobos. O rio Miño é certamente a fronteira entre Hespaña e Portugal, mas nom separará endexamais a Portugal da Galícia. No fondo deste noso lusitanismo existe soio un fondo amor à verdadeira Hespaña» (70).

Periódicos portugueses de diversas tendências reproduzirão trabalhos de Castelao, caso de *O Diabo* e de *Sol Nascente*, próximos do neo-realismo, de *Fradique*, com uma postura mais conservadora, e de *Quatro Ventos*, «revista lusíada de cultura e arte» com vertentes portuguesa, brasileira e galega.

A *Seara Nova* insere nas suas páginas um único desenho de Castelao, não inédito, «o regresso dos emigrantes» (n.º 33, 20-3-1924, p. 174), primitivamente publicado no *El Sol*. A temática — o drama da emigração — é, aliás, constantemente glosado pelos artistas galegos.

## 5. Álvaro Cebreiro

A colaboração de Cebreiro na *Seara*, pelo contrário, foi efectiva. Álvaro Cebreiro Martínez (71) nasceu na Corunha a 26 de Maio de 1903 e morreu na mesma localidade a 9 de Novembro de 1955. Os seus primeiros trabalhos datam de 1919: caricaturas em *A Nosa Terra* e poemas em *El Noroeste* (Corunha), *O Tio Marcos da Portela* (Ourense) e *Grecia* (Sevilha). Interessa-se pelo teatro português e participa no florescimento cultural da sua região (72). No ano seguinte realiza a primeira exposição individual (1 a 23 de Outubro). Ilustra, em 1921, o livro *Vento Mareiro*, de Cabanillas, e inicia colaboração em *Nós* e *Mondariz*, suplemento cultural de *La Temporada*.

Integra-se nas Irmandades, é redactor artístico de *Alborada* (Pontevedra), e lança, com o poeta Manoel-António, o célebre manifesto vanguardista «Mais Alá» (73). Em 1922, trabalhos de sua autoria são publicados na *Revista da Casa America-Galícia* (Vigo) — (caricaturas, desenhos e quadros humorísticos legendados em galego e em castelhano) —, e nos periódicos *Rexurdimento* e *Prisma* (Barcelona), executando ainda capas destinadas à editora «Lar». Dirige em 1924, juntamente com Evaristo Correa Calderón, a revis-

ta *Ronsel*, cujo número inaugural insere uma poesia de Pascoaes, «Canção Molhada», ilustrada pelo próprio Cebreiro, que também é autor de algumas caricaturas do escritor português publicadas em jornais galegos (74). As relações de amizade entre os dois homens são testemunhadas por uma significativa troca de correspondência entre 1921 e 1931 (75). Pascoaes dedica o poema «Luz Final» «a Afonso Castelao, a Álvaro Cebreiro, aos grandes e queridos artistas» (76), e compôs uma poesia alusiva ao caricaturista corunhês:

«*Meu Álvaro Cebreiro da Galiza,  
Intérprete da vida que murmura  
Nas árvores, nos montes, na brisa,  
E na alma divina que fulgura  
Através desta máscara indecisa  
Que é a nossa humana e trágica figura.  
Em ti saúdo a mística beleza  
Da terra mãe da terra Portuguesa.*» (77)

Numa fotografia que lhe ofereceu em Abril de 1921, Teixeira de Pascoaes escreve a seguinte dedicatória: «a Álvaro Cebreiro, ao Artista irmão, oferece com o maior afecto» (78).

Até à guerra civil, momento em que a produção de Cebreiro sofre uma quebra drástica, inúmeros jornais e revistas publicam trabalhos de sua autoria: *Faro de Vigo*, *Prisma* (Barcelona), *El Pueblo Gallego* (Vigo), *La Concordia* (Vigo), *Galicia Gráfica* (Corunha), *Vida Gallega* (Vigo), *El Sol*, na secção «Maestros de la historieta» (1927 e 1928), *El Momento* (Corunha), *Solidariedad Obrera*, órgão da Confederação Nacional do Trabalho (anarco-sindicalista), *A Fouce*, *El País* (Corunha), *Tierra Gallega* (Corunha).

A curva ascendente da actividade artística de cebreiro inicia-se quando se processam os contactos com Portugal. Já é um admirador de Leonardo Coimbra e do saudosismo quando recebe a delegação cultural portuguesa de 1921. O manifesto «Mais Alá» fora divulgado em Portugal; um desenho de Cebreiro é publicado na capa da revista coimbrã *Triptico* (79). «Son frecuentes las fotografías de Cebreiro acompañado de exilados portugueses por las calles de La Coruña, a partir del mes de mayo de 1926» (80), juntamente com Gerardo Abad, Santiago Cesares Quiroga e Ramón Torrado. Durante a estada de Bernardino

Machado na Corunha, nasce entre os dois homens uma amizade que se prolonga na troca de correspondência, após a saída do antigo Presidente da República Portuguesa para Cambó-les-Bains, em 1927, no seguimento das pressões do governo riverista<sup>(81)</sup>. O artista corunhês manteve um intenso contacto epistolar com Bernardino Machado, como salienta Mariano Tudela: «Con Machado se escribía todas las semanas y el antiguo presidente pedía catálogos de libros y noticias de los amigos»<sup>(82)</sup>. Aquilino Ribeiro, que esteve durante algum tempo na Corunha, conheceu o pintor e manteve alguma convivência com ele.

Alvaro Cebreiro permaneceu em Paris de Maio de 1928 a Agosto do ano seguinte, hospedando-se no n.º 166 do Foubourg Poissonnière, conviveu intensamente com exilados portugueses. Após quinze meses, regressa à Corunha, «sabiendo menos francés que à la llegada, pero em cambio dominando el portugués a la perfección»<sup>(83)</sup>; «em Agosto de 1929 llega Cebreiro a La Coruña, hambriento de brisas atlânticas, con una capa portuguesa, un traje de etiqueta y, como tributo a la bohemia de casi año y medio los zapatos agujereados»<sup>(84)</sup>.

Outro português que Cebreiro conheceu foi Cunha Leal. A capa do livro *Portugal e Inglaterra* é de sua autoria, o mesmo sucedendo com o *ex-libris* do controverso político lusitano<sup>(85)</sup>.

A *Seara Nova* publica um desenho de Cebreiro intitulado «Marinheiros Galegos», dedicado ao Visconde de Vila Moura (n.º 95, 15-7-1926), acompanhado de um pequeno texto de Manuel Mendes. O artista é apresentado como «senhor de rara sensibilidade e de uma estranha visão, por vezes bizarra, das coisas do mundo, tem o condão de servir estas faculdades com uma técnica firme, dando, em traços elegantes e de maneira delicada, os motivos de arte que impressionam o seu temperamento estético (...). A Álvaro Cebreiro as nossas homenagens e o nosso grato reconhecimento por ter lembrado a *Seara Nova*, e mais toda a ternura que deve inspirar o extraordinário interesse e a enorme simpatia que sempre têm merecido as coisas da nossa terra»<sup>(86)</sup>. Refira-se que aquele trabalho apresenta grandes semelhanças com

o que será publicado em *Vida Gallega* (20-6-1930).

Cebreiro era republicano, mas a sua acção política não foi significativa. A guerra civil e a vitória franquista remeteram-no para um silêncio quase total entre 1936 e 1945, ano em que começa a colaborar na *Hoja de Lunes* (Corunha).

Lentamente, retoma a actividade, tanto no que respeita a exposições («Cien años de Arte en Galicia», 1949; «Dibujos Gallegos», 1951; «Colectiva de Artistas Gallegos», 1952), como à participação em acções de carácter cultural. A consagração, alcança-a em 1953 — dois anos antes da sua morte —, ao ser admitido como membro numerário da Real Academia Provincial de Belas Artes da Corunha, e homenageado publicamente com a imposição da insígnia de ouro da Associação dos Artistas, num acto em que participaram Ramón Cabanillas, Camilo José Cela, Álvaro Cunqueiro e Otero Pedrayo. Nos anos que antecedem a sua morte, parece querer recuperar o tempo perdido ou desmentir as acusações amigas de lentidão exagerada no trabalho artístico, ao colaborar em *Noroeste* (Corunha), *Atlântida* (Corunha), *Ilustración Gallega* (Madrid), *Vida Gallega*, *Galicia Emigrante* (Buenos Aires) e *Campiña* (Corunha).

## Conclusão

A *Seara Nova* é fundada em 1921, num momento em que as relações culturais entre Portugal e a Galiza conhecem significativo incremento. Desde os primeiros números que é visível o desejo da revista em participar nesse movimento ideologicamente heterogéneo<sup>(87)</sup>, protagonizado por uma multiplicidade de individualidades e de organismos oficiais e particulares. A ponte entre as duas margens no Minho é lançada nas suas páginas por Alfredo Guisado e Eugénio Carré Aldao, numa primeira fase, e continuada depois por diversos autores onde avultam os nomes de Manuel Rodrigues Lapa e António Sérgio, que divulgam alguns dos novos valores da poesia galega. O número comemorativo do centenário de Pondal é um exemplo claro do elevado nível que esse intercâmbio alcançou, ao registar o concurso de figuras

de primeiro plano da cultura galega contemporânea.

Para além de um apreciável conjunto de textos em prosa e verso, são dignas de registo as colaborações plásticas de dois dos maiores artistas de riba-Minho, Castelao e Álvaro Cebreiro, embora apenas este tenha mantido contactos directos com a revista e envie para ela a colaboração original.

A presença da Galiza nas páginas da *Seara Nova* prolonga-se até aos anos cinquenta, constituindo assim o galeguismo uma

das linhas de força da revista, que sobreviveu às diversas vicissitudes sofridas ao longo de três décadas, e cuja continuidade foi assegurada por Rodrigues Lapa. No entanto, a revista dedicou uma atenção particular à realidade espanhola, no sentido amplo, tanto com a inclusão de artigos que analisavam o evoluir da situação política e cultural do país vizinho, como pela publicação de diversas caricaturas entre as quais sobressaiem as de Bagaria<sup>(8)</sup>. Mas essa vertente ibérica — que não iberista — da *Seara Nova* transcende os limites deste estudo.

## NOTAS

(1) V., p. e., Hipólito de la Torre, *Antagonismo y Fractura peninsular / España y Portugal 1910-1919*, Madrid, Espasa-Calpe, 1983.

(2) Xosé-Maria Dobarro Paz, artigo «Rexurdimento», in *Enciclopedia Gallega*, Santiago, 1974, Volume 26, p. 172.

(3) Sobre a génese dos movimentos regionalistas na Espanha de oitocentos, v. Vicente Palacio Artad, *La España del Siglo XIX / 1808-1898*, Madrid, Espasa-Calpe, 1978, pp. 571 a 578.

(4) V., por exemplo, F. Fernández del Riego, *Historia da Literatura*, Vigo, Editorial Galaxia, Biblioteca Básica de Cultura Galega, n.º 5, 1984, pp. 66 e 76 e Jesus Alonso Montero, *Realismo y Conciencia crítica en la Literatura Gallega*, Madrid, Ed. Ciencia Nueva, 1968, em especial os capítulos «Rosalía de Castro: compromiso, denuncia, desamparo y violencia», e «Curros Enríquez o la poesía como lucha», respectivamente pp. 57 a 86 e 87 a 144. Também Ricardo L. Landeira, *La Saudade en el Renacimiento de la Literatura Gallega*, Vigo, Ed. Galáxia, 1970. Para uma panorâmica geral da cultura galega, v. R. Otero Pedrayo, *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega*, Vigo, Ed. Galaxia, Biblioteca Básica da Cultura Galega n.º 6, 1982.

(5) Idem, p. 65.

(6) Idem, p. 122.

(7) Francisco Bobillo, *Nacionalismo Gallego / La ideología de Vicente Risco*, Madrid, Akal/Universitaria n.º 36, 1981, pp. 113 e seguintes. J. A. Durán, *Historia de Caciques, Bandos e Ideologías en la Galicia Urbana / (Rianxo 1910-1914)*, Madrid, Siglo XXI editores, 1976 (2.ª edição), pp. 222 a 280.

(8) Francisco Bobillo, *op. cit.*, p. 56.

(9) Ramón Piñeiro, «Das relacións culturais galego-portuguesas», in *Nova Renascença*, Verão de 1982, p. 327.

(10) Xesús Torres Regueiro, *Xoan Vicente Viqueira e o Nacionalismo Galego*, A Coruña, Edición do Castro, Col. Documentos para a Historia Contemporánea de Galicia, n.º 36, 1987, p. 33.

(11) «Unha autobiografía confidencial do escritor ourensán», in *Grial* n.º 86, de Outubro/Novembro/Dezembro de 1984, p. 516.

(12) «As relacións de Vicente Risco con Teixeira de Pascoaes», in *Grial*, número citado, p. 515. Philèas Lebesgue assina no *Mercur de France* as «Lettres portugaises» entre 1901 e 1940. O seu lusitanismo ficou expresso nos inúmeros artigos publicados em revistas e jornais literários como *Le Beffroi*, onde colaboraram António Nobre e Junqueiro, *Monde Nouveau*, *Revue du Nouveau Siècle*, *Revue de l'Amérique Latine*, *Thyrse* e *Bulletin de l'Institut Français*. Da sua bibliografia sobressai o livro *La République Portugaise*, Paris, G. Sansot & C.ª, Bibliothèque Internationale d'Édition, s. d., no seguimento da visita que fez a Portugal em 1911, a convite das novas autoridades republicanas. Foi então recebido por Teófilo Braga. Regressará mais tarde, em 1922, a convite de João de Deus Ramos. V. Jean-Michel Massa, «Philèas Lebesgue Lusophile» in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, Volume III, pp. 603 a 615.

(13) Margarita Ledo Andión, *Da Prensa Galega do XIX ao Primeiro Periódico Galego Nacional /*

20 anos de «A Nosa Terra» (1916-1936), A Coruña, Edicións do Castro, col. Ensaio, 1982, pp. 78 e 79.

(14) *Lusa*, «Folha quinzenal de letras e ciéncias», era dirigida por Cláudio Basto (n.º 1, 15-3-1917), e teve colaboração de Leite de Vasconcelos, Wenceslau de Moraes, Raul Brandão, entre outros. Nela surgiam, com frequência, notas bibliográficas sobre o *Boletim da Real Academia Galega*. No n.º 32 (1 de Julho de 1918) alude-se à passagem do 85.º aniversário de Manuel Murguía. Quando se realiza o I Congresso de Estudos Galegos, a revista é representada pelo Dr. José Joaquim Nunes, professor da Universidade de Lisboa, que apresenta uma tese intitulada «Paralelísticas e muinheiras» e por outra tese sobre o vocábulo galaico-português «saudeira», da autoria de Cláudio Basto (reportagem pormenorizada sobre o congresso no n.º 50/51, de Outubro/Novembro de 1918, pp. 64 a 67). No mesmo congresso, para o qual Carolina Michaëlis de Vasconcelos enviou uma comunicação, — «Um bemérito das letras galego-portuguesas» —, foi aprovada uma saudação à «cordialidade espiritual de Portugal e Espanha, que tem na existência da Galiza o seu mais poderoso argumento», com uma referência especial ao «eminente Teófilo Braga, vinculado a esta região pela sua enorme obra» (idem, p. 78). No mesmo número se publica «A Muñeira e o Regadinho», fragmento de uma revista teatral inédita de João da Rocha, que é a única composição, parcialmente em galego, que encontrámos em *Lusa*.

Registe-se que a Real Academia Galega incluía entre os seus membros os seguintes portugueses: Carolina Michaëlis de Vasconcelos, José de Ervaens Rodrigues, José de Sousa Barroso, Alberto Bessa, Teófilo Braga, José Leite de Vasconcelos, António Benavente, José Augusto Ferreira, Eugénio de Castro, José Joaquim Nunes e Manuel Monteiro (Leandro Carré, «Presença de Portugal na Real Academia Galega», in *Primera y Segunda Asambleas Lusitano-Gallega / Actas e comunicaciones*, Madrid, Editora Nacional, 1967, pp. 37 a 40 e Américo Lopes de Oliveira, «Palestra», Idem, pp. 256 e 267).

(15) Vicente Risco, «Da Galiza renascente», in *A Águia*, 4.ª série, n.º 1 e 2, Janeiro-Abril de 1928, pp. 8 a 18; n.º 3, Maio/Junho de 1928, pp. 80 a 90; n.º 4 e 5, de Julho/Outubro de 1928, pp. 106 a 112. A citação é extraída do primeiro artigo, p. 9.

Vicente Risco (Orense, 1884-1963) foi um dos mais importantes teóricos do nacionalismo galego. Obtém a licenciatura em Direito em Santiago de Compostela (1906), passando a frequentar os salões de sociedade de Orense, onde se tornou notado pelo seu «snobismo». Interessa-se pelos diversos movimentos vanguardistas europeus, lê Ibsen, D'Annunzio, Verlaine e recebe uma influência decisiva de Nietzsche. Começa a interessar-se pelo esoterismo, pelas religiões orientais (budismo, hinduísmo) e pela teosofia. Essa assunção do estatuto de «inadaptado» dará origem ao seu conhecido trabalho *Nós os Inadaptados*, publicado na revista *Nós*. A sua actividade como jornalista começa em 1910 nas páginas de *El Miño*, de cuja redacção faz parte. Três anos depois matricula-se na Escola

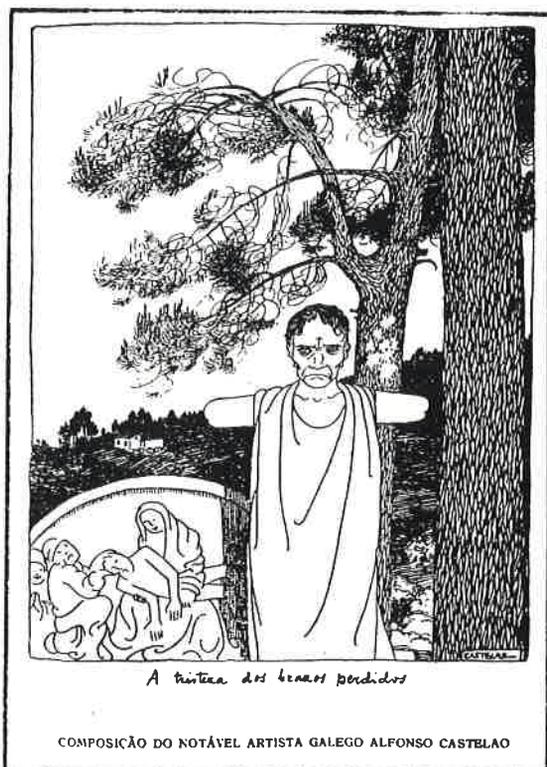
Superior de Magistério de Madrid, termina o respectivo curso em 1916, iniciando então a carreira de professor das Escolas Normais. Durante a estada na capital espanhola trava amizade com Ramón Gómez de la Sierna. De regresso a Orense, ocupa a cátedra de História da Escola Normal e inicia, em 1917, a publicação da revista «neosófica» *La Centuria*, onde pontifica a par de Arturo No-guerol. Vicente Risco ocupa-se, nesse periódico, de temas literários e estéticos, mas ainda não era visível qualquer interesse pela Galiza, enquanto realidade dotada de identidade própria. O salto para o galeguismo será dado em finais de 1917, possivelmente por influência de Antón Losada Diéguez. No ano seguinte apoia a candidatura regionalista de Luís Portero e colabora em *A Nosa Terra*. Em 1920 publica *Teoría do nacionalismo galego*, e expõe o seu pensamento sobre essa matéria em artigos vindos a lume em *Nós*, *Rexurdimento*, *Heraldo de Galicia*, *Logos*, *Alento*, *Terra*, *Céltiga*, *La Zarpa*, *Galicia* e *El Pueblo Gallego*. Converte-se no principal teórico do nacionalismo galego, até 1936.

Risco é eleito na III Assembleia das Irmandades da Fala (Vigo, Abril de 1921) para o respectivo Conselho Permanente. Após a IV Assembleia (Monforte, Fevereiro de 1922), funda-se a Irmandade Nacionalista Galega, desempenhando Vicente Risco o cargo de Conselheiro Supremo, até à dissolução do movimento (1924) em consequência da ditadura de Primo de Rivera. Participa nas diligências empreendidas, a partir de 1929, para a criação de um partido galeguista, postura que defende na VI Assembleia das Irmandades (Corunha, Abril de 1930). Parte então para uma longa viagem que o leva à Alemanha, com deslocações a Praga e Viena. Visita museus, estuda etnografia e folclore. Dessa experiência nasce o livro *Mittleuropa* e diversos artigos publicados na revista *Nós*. Funda-se, entretanto, o Partido Nacionalista Republicano, que se coliga com o Partido Radical Socialista e a Federação Republicana Galega. Risco é candidato a deputado e integra, em 1931, a Assembleia Constituinte. A fundação, em Dezembro daquele ano, do Partido Galeguista, tem o seu concurso, sendo eleito para o Conselho Executivo.

O seu pensamento sofrera, entretanto, uma inflexão sensível. O arreigado nacionalismo assume, agora, um cunho católico integrista e um direito que o leva a recusar qualquer entendimento com forças de esquerda. O partido, no entanto, não acompanha Risco e vai participar, em 1936, na Frente Popular, com outras formações de esquerda e do centro-esquerda. A cisão é inevitável e Vicente Risco tenta ainda fundar uma Direita Galeguista. A guerra civil impõe uma paragem. Temeroso de represálias ou por convicção, Risco adere ao novo regime e colabora em jornais e revistas católicas. Remete-se a um maior silêncio a partir de 1940 e, mais tarde, é recuperado em parte para o galeguismo cultural. Foi autor de numerosa bibliografia sobre história, filosofia, literatura e etnografia. Dos estudos publicados sobre Risco, salientamos o



Desenho de Cebreiro para a capa  
do N. 6 (1925) de Tríptico

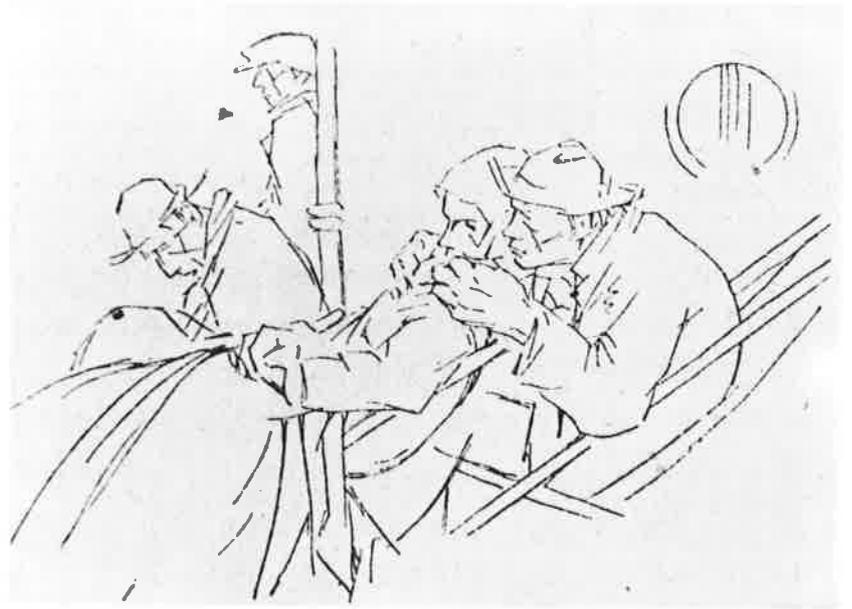


Atlântida, n. 42/43 (1919)



Cebreiro, Ex-libris de Cunha Leal

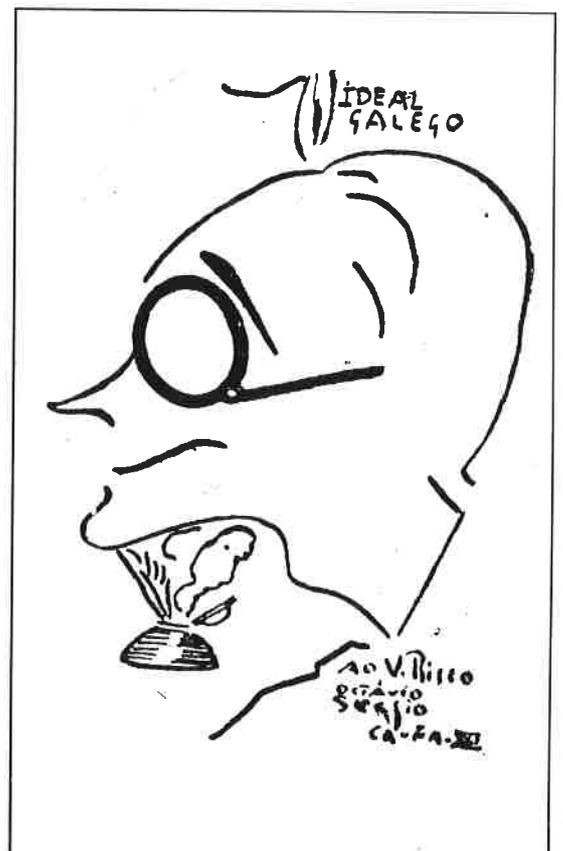




Castelão, «Os Emigrantes»



Cebreiro, «Marinheiros Galegos» (Seara  
Nova n. 95, 15-7-1926, Capa)



Octávio Sérgio, «Vicente Risco»

ensaio de Francisco Bobillo que citámos, fundamental para a compreensão do seu pensamento político, e o livro de Carlos Casares, *Vicente Risco*, Vigo, Ed. Galaxia, Col. Conciencia de Galicia n.º 5, 1981. De Jesus de Juana, realçamos o pequeno mas muito bem sistematizado volume *Aproximación al Pensamiento e Ideología de Vicente Risco (1884-1963)*, Orense, Publicaciones de la Deputación Provincial de Orense, 1985. Nessa vertente — a política —, tem muito interesse o trabalho de A. Risco, *El Pensamiento de Vicente Risco*, Lugo, 1978, e a sua comunicação «Supuestos ideológicos del Nacionalismo de Vicente Risco», in *II<sup>as</sup> Jornadas de Historia de Galicia*, Orense, Deputación Provincial, 1986, pp. 221 a 238. A revista *Grial* n.º 86, de Outubro/Novembro/Dezembro de 1984, integralmente dedicada ao seu centenário, inclui diversos estudos importantes sobre as várias facetas do pensamento e da obra daquele autor.

(16) Artigo citado na nota (12).

(17) *Atlântida* n.º 42-43, Ano IV, 1919, pp. 659 a 665.

(18) Sobre o iberismo e o atlantismo de Vicente Risco, v. o capítulo «Internacionalismo político e cultural» da obra de Francisco Bobillo, cit., pp. 207 a 214.

(19) «Cartas a Antón Lousada Diéguez», in *Grial* n.º 86, de Outubro/Novembro/Dezembro de 1984, p. 471.

Sobre as relações de Pascoaes com a Galiza ver os artigos de Salvador Lorenzana, «Galícia e Teixeira de Pascoaes» e de Ramon Piñero, «Carta a Ana Campos», in *Vértice*, n.º 115, Março de 1953, pp. 156 a 159, e 166 a 168, respectivamente. V., também, de José Crespó, *Teixeira de Pascoaes e a Fraternidade Luso-Galaica*, Coimbra, Separata de *O Instituto*, Volume 119, 1958, embora esta última publicação tenha um reduzido interesse.

(20) Ramón Piñero, artigo citado, p. 328

(21) A relação entre «Espanha», «Hispania» e «Ibéria» é largamente tratada por Castelao num dos seus livros fundamentais: *Sempre en Galiza*. Os textos relacionados directamente com aquela temática, encontram-se no Livro Terceiro (Madrid, Akal Editora, Col. Arealonga/Obra Completa de Castelao, 1980, 3.ª edição, pp. 251 a 422).

(22) A realização da Semana Catalã em Lisboa teve como grande impulsor Humberto Pelágo, director artístico da *Seara Nova*, que integrava uma comissão da qual faziam parte Leonardo Coimbra, João Camoesas, Aquilino Ribeiro, o pintor Martinho da Fonseca e Nuno Simões. A iniciativa, apoiada pelo embaixador espanhol em Lisboa, Alejandro Padilla, esteve inicialmente programada para o dia 1 de Novembro de 1921, mas acabou por sofrer um adiamento de 8 dias. A 9 daquele mês, inaugurou-se na Sociedade Nacional de Belas Artes uma Exposição de Arte Catalã, complementada por diversas conferências amplamente referidas na imprensa. A delegação que se deslocou a Lisboa era constituída por: Luis Nicolao d'Olives, Presidente Tenente-Alcaide de Barcelona; Joan Esterlich, director de *El Dia*; Marius Aguilar, cor-

respondente de *La Libertad* (Madrid) e representante de *El Dia Gráfico* (Barcelona); Camps Margarit, jornalista e crítico de arte de *El Diàvio* (Barcelona); Josep Pla, jornalista; M. Ribe, chefe da Guarda Municipal da Cidade Condal; Francesc Pujol, filósofo e poeta.

A Semana foi seguida com grande interesse pela imprensa portuguesa. V., por exemplo, as entrevistas de Humberto Pelágo ao *Diário de Lisboa* (20-10-1921) e à *Capital* (14-11-1921), bem como reportagens no *Diário de Lisboa* de 8-9-1921 e de 12-11-1921, com declarações de quase todos os membros da delegação catalã.

(23) «Cartas a Antón Lousada Diéguez», p. 474.

(24) Ramón Piñero, artigo citado, p. 329.

(25) *Diário de Lisboa*, de 17 de Novembro de 1921, p. 5.

(26) Margarita Ledo Andión, *op. cit.*, p. 79; Alfredo Guisado, «Artes & Letras / Jogos Florais Galaico-Portugueses», in *Diário de Lisboa* de 20 de Maio de 1921.

(27) Margarita Ledo Andión, *op. cit.*, p. 79.

(28) Pina de Moraes publica no *Primeiro de Janeiro* algumas crónicas com o título genérico «Portugal na Península / Galiza-Catalunha-Portugal» (n.ºs de 10, 12 e 20-11-1920).

(29) *Nós*, «Boletim Mensual de Cultura Galega», inseria, regularmente, colaboração portuguesa ou referente a Portugal, de que são exemplo os poemas de Pascoaes publicados nos números 1 e 2 (30 de Outubro e 30 de Novembro de 1920), o artigo de Alvaro das Casas «Uma carta inedita de Xose de Figueiredo» (n.º 93, de 15 de Setembro de 1931), ou a transcrição de textos referentes à Galiza ou às relações luso-galegas, dados à estampa em órgãos de informação portugueses, incluindo a própria *Seara Nova*. Com efeito, o n.º 105 de *Nós* (15 de Setembro de 1932) transcreve o artigo de Rodrigues Lapa, «Castelao e a Galiza» (*Seara Nova* n.º 309, de 28 de Julho de 1932). V. Aurora Marco Lopes, «A presença da cultura portuguesa em *Nós*», in *Nós*, revista internacional galaicoporguesa de cultura, n.º 7/12, Abril de 1987-Dezembro de 1988, pp. 79-92.

A revista *Alfar* publica diversa colaboração portuguesa ou relativa a Portugal: retrato de Pascoaes por Cebreiro com texto de F. Maristany e poema «Um diálogo», também de Teixeira de Pascoaes (n.º 30, Junho de 1923); o n.º 31 (Julho de 1923) homenageia Junqueiro, com um retrato da autoria de Cebreiro, artigos de Juan G. del Valle, G. de la Vega e o poema «Canção Perdida». Guerra Junqueiro gozava de grande audiência na Galiza, influenciando um leque variado de poetas (cf. Ricardo Carballo Calero, «Algumas pegadas de Guerra Junqueiro nas Literaturas Hispánicas», in *Primera y Segunda Assambleas (...)*, pp. 211 a 221). No n.º 34 de *Alfar*, Pascoaes publica o poema «Oitava», dedicado a Cebreiro; Enrique Diez Canedo é o responsável pela secção «Poetas portugueses», onde divulga trabalhos de João de Deus, João de Barros, Afonso Lopes Vieira, António Nobre, entre outros. Sobre esta revista v. o excelente estudo

de Cesàr Antonio Molina, *La Revista «Alfar» y la Prensa Literaria de su Época (1920-1930)*, La Coruña, Ediciones Nós, 1984, que insere, a pp. 333 a 352, os sumários de cada número.

A colaboração portuguesa ou sobre Portugal, nos seis números de *Ronsel* (1924), é a seguinte: Teixeira de Pascoaes, poema «Canção molhada», ilustrado por Cebreiro, e Raul Brandão, «Luz e cor» (n.º 1, Maio); Teixeira de Pascoaes, poema «O Sol e a candeia», Américo Durão, «Soneto», Maria Leonor Reis, «A Minha janela», Afonso Duarte, «O medo das sombras» (n.º 3, Julho); Afonso Duarte, «Desgarradas» (n.º 4, Agosto); Cunha Barros, «Costume Português» (n.º 5, Setembro).

(30) Durante a Segunda República Espanhola, diminuem as referências a Portugal e a presença de autores lusos, como vemos no breve balanço que se segue relativo às principais revistas. *Cristal* (10 n.ºs, 1932-1933) insere um único poema de Guerra Junqueiro (n.º 6, Dezembro de 1932); *Galiza* (4 n.ºs, 1930-1932), *Universitária* (2 n.ºs, 1932) e *Yunque* (6 n.ºs, 1932) nada publicam sobre Portugal; *Resol* (10 n.ºs, 1931 a 1936), dedica um número (n.º 7, Abril de 1933) ao nosso país, com textos de Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Engénio de Castro, António Patrício, Ribeiro do Couto, Garrett, Bocage e Antero, entre outros. V. Modesto Hermida García, *As Revistas literarias em Galicia na Segunda República*, A Coruña, Edicións do Castro, Col. Documentos para a Historia Contemporânea de Galicia, n.º 39, 1987.

(31) *Atlántida* n.º 46-47, 1920, p. 229.

(32) Evaristo Correa Calderón (Neira de Rei, Baralla, Lugo, 1899), escritor e crítico literário, dirigiu *Ronsel*, com Cebreiro, e foi redactor-chefe de *El Pueblo Gallego* (1925-1926). Publicou diversas obras de onde se destaca *Índice de Utopías Gallegas*, Madrid, C.º Ibero-Americana de Publicaciones, 1929, incluída na Biblioteca de Estudios Gallegos dirigida por Alvaro de las Casas. Dessa obra merece especial referência o capítulo «Enlaces literarios de Galicia y Portugal» (pp. 233 a 241).

(33) Os textos são publicados nos n.ºs de 25-7-1922 e 25-7-1924 da *Aurora do Lima*.

(34) *Portucale* publica uma caricatura de Cebreiro por Emílio Martins (n.º 17, Setembro-Outubro de 1930, p. 323) e uma outra de Unamuno por Cebreiro (n.º 25, Janeiro-Fevereiro de 1932, p. 2).

(35) *Descobrimento*, revista de cultura, dirigida por João Osório de Castro, publicou-se em Lisboa de 1931 a 1932, num total de 7 números. A colaboração galega foi a seguinte: n.º de Verão (1931) — Evaristo Correa Calderon, «Concepción singela do Ceo», primeira parte da novela *Vida e Morte de Aureolo Fernandez* (pp. 171 a 207); Vicente Risco, «Da Europa Central / Antisemitismo» «excerto do livro *Mitteleuropa*» (pp. 257 a 267); n.º de Outono de 1931 — Antologia de Poetas Galegos, Augusto Maria Casas, «Canzón do Alalá» (pp. 377-8). «Canzón do vento ledó», «Canzón da Choiva» (dedicada a António Ferro) e «Romaxe» (p. 379 e 380); Luís Fasquez-Pimentel, «O poeta morto» (p. 385), «Sala

de visitas» (p. 386), «Anoitecer de hospital» (p. 387), «O dia ruim» (p. 388); Xesús Bal e Gay, «Naturezas mortas» (p. 389), «Jazzs sonámbulos» (p. 390), «Madigaes sin obxeto» (pp. 391); Fermin Bouza-Brey, «Lelias ao teu ouvido» (pp. 392-3), «Triades no mar e na morte» (pp. 394-5), «Descordo pra bem muiñar» (pp. 396-7); Aquilino I. Alvariño, «A noite é unha», (pp. 398-9, «era um mencer de San Xoan» (pp. 400-1), «Meu Corazon» (p. 402); n.º de Inverno de 1931 — «Irmandade luso-galaica» (pp. 604-5); n.º de Primavera de 1932 — Antologia de Poetas Galegos: Alvaro Cunqueiro Mora, «Seis poemas do caderno inédito *Adolescenza no Inverno* (1932)» (pp. 157-9); R. Carballo Calero, «Dous poemas de saudade» (pp. 160-1).

(36) A correspondência com Alvaro Cebreiro foi publicada por Mariano Tudela em *Alvaro Cebreiro*, La Coruña, Edicións do Castro, Col. O Movimento Renovador da Arte Galega, n.º 2, 1983, pp. 136 a 140. Desconhecemos se essa obra inclui todo o epistolário de Pascoaes.

(37) Sobre Vicente Viqueira v. J. L. Fontenla, «João Vicente Viqueira, precursor do reintegracionismo galaicoportuguês — seu pensamento filosófico, pedagógico e linguístico — homenagem no centenário de seu nascimento», in *Nós*, Revista Internacional Galaicoportuguesa de Cultura, n.ºs 4-5-6, de Setembro de 1987, pp. 25 a 41. Na mesma revista publica-se uma carta de Leonardo Coimbra para Viqueira e outra deste para Pascoaes (pp. 42 a 46). V. também Xesús Torres Regueiro, *ob. cit.*, pp. 52 e 61.

(38) Entre outras obras, publicou: *Brétanas* (La Coruña, 1896) *Rayolas* (La Coruña, 1898), *La Literatura Gallega en el siglo XIX* (La Coruña, 1903), *Influencias de la literatura gallega en la castellana* (Madrid, 1915), *La Literatura gallega* (Barcelona, 1911), *Alzamientos de la Coruña / un siglo de historia local 1808-1908* (La Coruña, 1908), *Idioma y literatura de Galicia* (La Coruña, 1908).

(39) Eugénio Carré, «Galicia y Teófilo Braga», in *Memoriam do Doutor Teófilo Braga 1843-1924*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1934, pp. 175 e 176.

(40) *Seara Nova*, n.º 3, 20 de Novembro de 1921, p. 71.

(41) Sobre este assunto v. entrevistas de A. Pedro Guisado ao *Diário de Lisboa* de 16-7-1924 e de 24-3-1925.

(42) Sobre este autor e a sua ligação à Galiza, v. A. Lúcio Vidal, «Alfredo Guisado, Poeta Galego-Português», in *Grial*, n.º 84, 1984, pp. 29 a 40.

(43) Alfredo Pedro Guisado (Pedro de Meneses), *Xente d'A Aldea*, Paris-Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1921.

(44) «Galicia», in *Diário de Lisboa* de 10 de Maio de 1921; «El y Ela», in *Atlántida*, n.º 48, 1921.

(45) Alfredo Pedro Guisado, «Jogos Florais Galaico-Portugueses», in *Diário de Lisboa* de 20 de Maio de 1921.

(46) Alfredo Guisado, «Evoca-se um genial artista galego / Um desenho inédito de Castelas (sic)», in *República* de 3 de Fevereiro de 1959, pp. 1 e 5. Neste interessante texto, o autor, para além de no-

tas diversas de carácter biográfico sobre Castelao (que é sempre referido como «Castelas»), descreve uma viagem à Galiza empreendida em 1929 na companhia de António Ferro e o contacto estabelecido com o artista galego em Pontevedra.

(47) *Seara Nova*, n.º 6, de 14 de Janeiro de 1922, p. 48.

(48) *Seara Nova*, n.º 12, de 15 de Abril de 1922, p. 317.

(49) *Idem*.

(50) César António Molina, *op. cit.*, p. 36.

(51) *Seara Nova*, n.º 38, de Setembro-Outubro de 1924 p. 37.

(52) *Seara Nova*, n.º 148, de 1 de Fevereiro de 1929, pp. 58 e 59.

(53) Rodrigues Lapa, «Castelao e a Galiza», in *Seara Nova*, n.º 309, de 28 de Julho de 1932, pp. 327 a 330. Reproduzido em *Estudos galego-portugueses / por uma Galiza renovada*, Lisboa, Sá da Costa, 1979, pp. 5 a 16.

(54) Entrevista publicada no *Diário da Noite* de 24 de Setembro de 1932, incluída no volume *Estudos galego-portugueses* (...), pp. 17 a 20.

(55) António Sérgio traduziu e adaptou para a *Seara Nova* diversos textos de autores galegos a começar por R. Castelao («Cousas, n.º 333, 9-3-1933, p. 325»). Escrevia então Sérgio: «têm toda a razão os galegos em falar sempre com carinho e orgulho desse sensitivo e generoso artista do desenho e da prosa que é o seu Castelao». Rodrigues Lapa discordou dessas semi-adaptações («António Sérgio e o problema da língua literária», in *Estudos galaico-portugueses* (...), p. 117 a 129). Segue-se uma série de poemas: Curros Enríques, «Templo deserto» (n.º 337, 6-4-1932, p. 9), «Encomenda» n.º 340, 27-4-1932, p. 69), «A Fouce do Avô» (n.º 364, 16-11-1933, p. 57); Vitoriano Taibo, «Brama o mar!» n.º 362, 2-11-1933, p. 30).

(56) R. M. L., «Cantares Galegos», in *Seara Nova*, n.º 429, de 7 de Março de 1935, p. 323. A conferência de R. Lapa foi publicada na obra organizada por Emma Romero Santos Fonseca da Câmara Reys, *Divulgação Musical*, III, Lisboa, 1936, pp. 279 e 290, com o conhecido desenho de Castelao intitulado «Na veira do Miño»: um jovem pergunta a um velho, olhando para o outro lado do rio: «E os da banda d'alá son mais estranxeiros que os de Madrid? / Nom se soupo o que lhe respondeu o vello». Na conferência, Rodrigues Lapa abordou a obra de Amado Carvalho, Bouza-Brey e Manuel Murguía.

(57) O sumário do n.º 425, de 7 de Fevereiro de 1935 é o seguinte: Rodrigues Lapa, «Centenário de Pondal»; Castelao, «A Terra»; Eduardo Pondal, «Cantar d'Amigo» (do livro *Queixumas dos Pinos*) com notas de R. Lapa; Vicente Risco, «Pra a auto-crítica d'umha generación»; Alvaro das Casas, «Carta en col da língoa aos escritores portugueses»; Fermín Bouza-Brey, «A un mozo galego dende Cornualha»; A. Villar Ponte, «Idea transcendente / o caminho do nacionalismo galego»; R. Otero Pedrayo, «Esquemas composteláns».

(58) Da correspondência de Rodrigues Lapa para Câmara Reys salientamos algumas passagens referentes à preparação do número sobre Castelao, sua divulgação junto do público galego e colaborações posteriores:

«Anadia, 24 de Junho de 1950

Com respeito ao número de Castelao, estou a trabalhar nele, seleccionando as suas melhores páginas. Tive de pedir para a Galiza alguns dos seus livros que ainda não tinha. Fui atendido por um advogado de Vigo, galeguista ferrenho e grande amigo do falecido. Conhece perfeitamente a simpatia que na *Seara* se tem mostrado pelos actuais escritores galegos inclinados para Portugal.

Anadia, 25 de Agosto de 1950

Que há a respeito do número de homenagem a Castelao? Já começaram a compor? Esqueci-me de lhe dizer mas ficou entendido que o auto-retrato vai para a primeira página, talvez em curandel. Arranje isso da melhor forma. Espero ainda resposta sua ao que lhe propus duma possível colaboração de intelectuais galegos na *Seara*. É talvez caso para considerar. De qualquer maneira, preciso de uma resposta para a comunicar aos interessados. Não deixe de ma dar.

Anadia, 20 de Setembro de 1950

Já mandaram ao Dr. Francisco Fernández del Riego — Progreso, 12 — 5.º izq — Vigo, os números da *Seara*? Como ele terá de os mostrar aos eventuais colaboradores, convém que os números sejam bem escolhidos e vão em duplicado ou triplicado, para uma melhor distribuição. Não se esqueça disso: ainda hoje me escreveu sobre o caso.

Anadia, 29 de Setembro de 1950

Desejava que me respondesse às seguintes perguntas:

1. Se já mandou ao Dr. Fernández del Riego a série de números da *Seara*. Considero isso muito urgente.

2. Se o meu artigo sobre Castelao já está composto e quando é que me mandam as provas.

Anadia, 4 de Julho de 1951

Mando-lhe hoje um pequeno ensaio dum intelectual galego, Celestino F. de la Vega, sobre a personalidade de Valle Inclán, que tem tantos e tão apaixonados leitores entre nós. Deve ir em corpo 8. Pensei em escrever umas linhas de apresentação; mas teria de consultar aquele amigo de Vigo, o

Dr. Fernández del Riego, que me daria os dados. O melhor seria, em todo o caso, dizer algumas palavras sobre o significado da colaboração dos intelectuais galegos na revista, o que aliás não é novo — lembro-me o número dedicado ao centenário de Pondal. E ninguém melhor do que você escreveria essas palavras.

O número dedicado a Castelao ficou bem impresso e agradou-me, no geral. Foi pena não ter mais 3 ou 4 gravuras; mas isso fica muito caro. O que é preciso agora é vender alguns exemplares na Galiza e na América Latina, sobretudo na Argentina e no Uruguai. Deverá entender-se a este respeito com Rodolfo Prada, cujo endereço tem o Ricardo.

.....  
Anadia, 23 de Outubro de 1951  
.....

Sei, por carta do Dr. Fernández del Riego, que pediram à *Seara* 300 exemplares do número dedicado a Castelao. É bom que assim seja. Brevemente lhe mandarei mais colaboração de escritores galegos.

Tenho recebido provas da *História Trágico-marítima*. Não as tenho despachado pelas razões que sabe. Peço-lhe que diga ao Ricardo que me mande um exemplar do número dedicado ao centenário de Pondal (1935). Pedem-mo da Galiza.

.....  
Costa, 11-6-1952  
.....

Mando as provas do artigo do Carballo Calero. Tenho necessidade de ver segundas provas. Como estou aí na *Seara* na próxima sexta-feira, às 14 horas, diga ao Salgueiro que me tenha aí as provas já emendadas, para eu ver aí mesmo. (...) Tenho outro artigo dum escritor galego, e esse ainda mais interessante para a *Seara*. Já receberam o dinheiro de Buenos Aires? Se o não receberam, terei de escrever novamente para o Dr. Fernández del Riego.»

(58) *Seara Nova* n.º 1204/7, de 3 a 24 de Fevereiro de 1951. A antologia de Castelao é constituída pelos textos que se seguem: «As três lendas», «O sentido da emigración galega», «O carácter galego», «A unión galaico-portuguesa», «Terra estremeña e terra galega», «O intercâmbio galaico-português», «O caciquismo», «O retorno a terra» e «O problema da língoa» (de *Sempre en Galiza*); «O Bó natural de Rañolas» (de *Os dous de sempre*); «O retrato» (de *Retrincos*); «No cemeterio» (de *Um olho de vidro*); «O Afogado», «Deica logo» e «Eleuterio» (de *Cousas*); «Pimpinela» (de *Os Velloz non deben namorar-se*). Um artigo de Rodrigues Lapa intitulado «Homenagem a Castelao» antecede a antologia, que inclui também diversos desenhos do artista galego. Este texto de R. Lapa é reproduzido na tradução portuguesa de *Os Velhos não devem*

*namorar* (Lisboa, Contraponto, Col. Teatro de Bolso, n.º 4, s. d., pp. 5 a 11).

(59) Da vasta bibliografia sobre Castelao citamos: Alberto Míguez, *El Pensamiento Politico de Castelao*, s.l., Nova Galiza, 1975; Clodio González Pérez, *Castelao / Caricaturas e Autocaricaturas*, Coruña, Ediciós do Castro, Col. O Movimento Renovador da Arte Galega, n.º 6, 1986; José Antonio Durán, *El Primer Castelao, Biografía y antología rotas*, Madrid, Siglo XXI, 1972; Valeriano Bozal, *Sátira y Tragedia: Las Imágenes de Castelao*, Coruña, Ediciós do Castro, Col. O Movimento Renovador da Arte Galega, n.º 7, 1987; *Castelao 1886-1950* (catálogo), Madrid, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Ministerio de Cultura, 1986, (bilingue galego e castelhano) que inclui diversos estudos sobre o autor, uma cronologia sobre a sua vida (pp. 223 a 231) e uma bibliografia activa e passiva (pp. 231 a 238).

(60) Jesús Antonio Montero, introdução a Alfonso R. Castelao, *Cuatro Obras*, Madrid, Ed. Cátedra, 1982 (3.ª edição), p. 11.

(61) Castelao, *Sempre en Galiza*, Madrid, Akal, *Obra Completa*, n.º 2, 1980 (3.ª edição), pp. 357 e 358.

(62) Edições recentes desses dois trabalhos: «Algo acerca de la caricatura» é publicado no catálogo *Castelao 1886-1950*, supra, pp. 13 a 23; «Humorismo. Dibujo humorístico. Caricatura» está incluído na antologia *Cuatro Obras*, citada, pp. 43 a 63.

(63) Alfonso Alvarez Gándara, artigo «Castelao», in *Enciclopedia Gallega*, Volume 5, p. 194.

(64) V. José Antonio Durán, *Historia de Caciques, bandos y ideologías en la Galicia urbana*, citado, com amplas referências a Castelao e onde se publica o texto «Carta aberta de Castelao a don Manoel Viturro» (pp. 359 a 364).

(65) Francisco Bobillo, *op. cit.*, p. 113.

(66) Jesús Alonso Montero, *op. cit.*, p. 16.

(67) Sobre a acção política de Castelao, v. Alberto Míguez, *op. cit.*, Xavier Castro, «Castelao en los años treinta (Andadura de um político *malgré lui*)» e Justo G. Beramendi, «La evolución ideológica de Castelao», in *Castelao 1886-1950*, catálogo citado, respectivamente, pp. 200 a 206 e 207 a 211. Sobre o período da guerra civil e da sua produção artística, v. Pablo Porta Martínez, 1937, *Castelao e Souto en Valencia*, Coruña, Ediciós do Castro, Col. O Movimento Renovador da Arte Galega, n.º 5, 1985. Sobre o pós-guerra, v. Carlos Fernández, *La Persecución de Castelao durante el Franquismo*, Coruña, Ediciós do Castro, Col. Documentos para a Historia Contemporánea de Galicia, n.º 23, 1986.

Alguns desenhos dos álbuns *Atila en Galicia*, *Galicia mártir* e *Milicianos* são reproduzidos por Pablo Martínez na obra citada, pp. 79 a 112. O álbum *Atila en Galicia*, inicialmente editado pela secção de propaganda e imprensa do comité nacional da Confederação Nacional do Trabalho, foi reeditado em 1978 pela Akal nas obras completas de Castelao, onde já reeditara *Milicianos* (1976) e *Galicia Mártir* (1976).

(68) Sobre o exílio v. Diaz Pardo, «Castelao en América», in *Castelao 1886-1950*, cit., pp. 119 a 134.

(69) Castelao. *Sempre en Galiza*, p. 334.

(70) *Portucale*, n.º 29, Setembro-Outubro de 1932, p. 225.

(71) Sobre Alvaro Cebreiro, existem alguns ensaios biográficos: de Mariano Tudela, amigo e companheiro do artista, *Alvaro Cebreiro, Vida y Afanes de un Creador*, Coruña, Edición do Castro, 1983, e *Alvaro Cebreiro*, Coruña, col. O Movimento Renovador da Arte Galega, n.º 2, 1983, que inclui um capítulo dedicado às relações com Portugal «Al sur Portugal y al norte... Paris» (pp. 47 a 54), as cartas de Teixeira de Pascoaes (pp. 136 a 149) e uma antologia de poemas deste autor alusivos à Galiza (pp. 123 a 127). Outra obra com interesse é a de Clodio González Pérez, *Cebreiro*, Coruña, Edición do Castro, col. Os Nossos Humoristas, n.º 7, 1986, com uma cronologia e uma biografia pormenorizadas (pp. 21 a 45).

(72) Mariano Tudela, *Alvaro Cebreiro*, p. 19.

(73) Idem, pp. 31 a 37.

(74) Sem pretendermos fazer um levantamento completo das caricaturas de Pascoaes da autoria de Alvaro Cebreiro, referenciámos as seguintes: *A Nosa Terra*, n.º 147 (Maio de 1921); *Alfar*, n.º 30, (Junho de 1923); *Ronsel*, n.º 6 (Outubro-Novembro de 1924).

(75) Publicada por Mariano Tudela em *Alvaro Cebreiro*, pp. 136 a 140.

(76) Idem, pp 143 e 144.

(77) Idem, p. 7.

(78) Idem, p. 50.

(79) *Triptico*, arte, poesia, crítica (Coimbra), n.º 6, 1925 (capa).

(80) Mariano Tudela, *op. cit.*, p. 51.

(81) Idem, pp. 51 e 52.

(82) Idem, p. 52.

(83) Idem, p. 56.

(84) Idem, p. 59.

(85) Cunha Leal, *Portugal e a Inglaterra*, Corunha, Imprensa Moret, 1932. O *ex-libris* está na contracapa, e será reproduzido, também, na contracapa de *Coisas de Tempos Idos — As Minhas Memórias* (Lisboa, Ed. do autor, 1966, 3 volumes).

(86) Manuel Mendes, «Alvaro Cebreiro», in *Seara Nova*, n.º 95, de 15 de Julho de 1926, p. 455.

(87) Esse interesse pela Galiza era geral e foi cultivado por republicanos e monárquicos. Dois autores integralistas, Afonso Lopes Vieira e António Sardinha, escreveram textos sobre tal temática. O primeiro, no livro *Em Demanda do Graal*, Lisboa, Portugal Brasil Lda. — Sociedade Editora Lisboa, 1921, publica «A Galiza» (pp. 341-343); o segundo, no livro *Quando as Nascentes despertam*, Lisboa, Livraria Ferin, 1921, dedica o poema «Paixão da Raça» a Alfonso Castelao (pp. 235-236).

(88) Sobre Bagaría v. o recente trabalho de Antonio Elorza, *Luis Bagaría — El Humor y la política*, Barcelona, Anthropos, 1988, com abundante iconografia.